



18 de dezembro de 2020

RECENSEAMENTO AGRÍCOLA 2019 - RESULTADOS PRELIMINARES

2019

RECENSEAMENTO AGRÍCOLA 2019

PRIMEIROS RESULTADOS

O INE divulga os primeiros resultados de âmbito nacional do Recenseamento Agrícola 2019 (RA 2019), cuja recolha de informação decorreu entre outubro de 2019 e novembro de 2020. No final de março de 2021 serão disponibilizados os resultados definitivos, até ao nível geográfico da freguesia, e será editada uma publicação de análise da informação a divulgar no portal do INE, IP (<http://www.ine.pt/>).

No RA 2019 foram recenseadas 290 mil explorações, menos 15,5 mil que em 2009 (-5%). Contudo, a superfície agrícola utilizada (SAU) aumentou 7%, passando a ocupar 3,9 milhões de hectares (43% da superfície territorial). A dimensão média das explorações agrícolas aumentou para 13,6 hectares de SAU por exploração (+1,6 hectares de SAU do que em 2009).

Na última década, a utilização das terras agrícolas alterou-se, verificando-se um decréscimo de 12% nas terras aráveis, mais que compensado pelos expressivos aumentos das áreas das culturas permanentes (+24%) e das pastagens permanentes (+14%). Assistiu-se a uma forte aposta na instalação, modernização e rega de olivais e pomares, principalmente de frutos pequenos de baga, subtropicais e amendoais.

A produção pecuária registou uma evidente reestruturação, que levou ao abandono de pequenos produtores e ao aumento generalizado da dimensão média do efetivo por exploração.

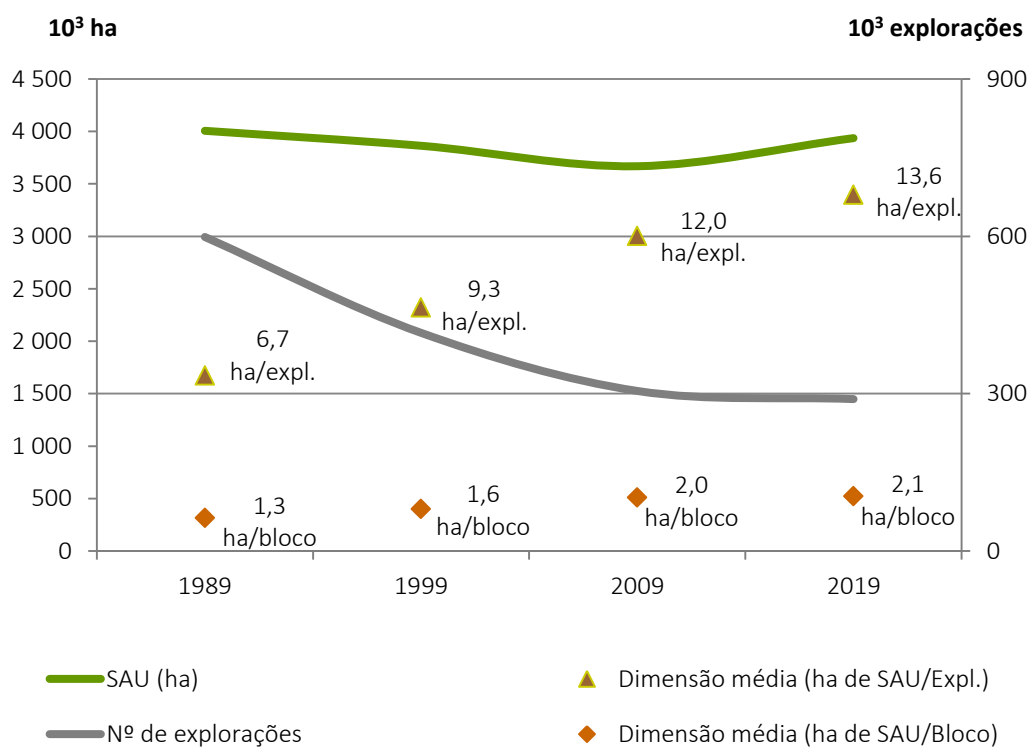
A empresarialização da agricultura cresceu, com a duplicação em dez anos do número de sociedades agrícolas, que ganharam importância na estrutura produtiva, passando a explorar 36% da SAU (27% em 2009) e a produzir 56% dos efetivos pecuários (41% em 2009). Por contraponto, na agricultura de cariz familiar, o processo de envelhecimento não abrandou, passando a idade média dos produtores singulares para os 62 anos (mais 2 anos que em 2009).



EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS: AUMENTOU A DIMENSÃO, DIMINUIU O ABANDONO DA ATIVIDADE E REGISTOU-SE UM CRESCIMENTO DA SAU

Em 2019 foram recenseadas 290 mil explorações agrícolas, menos 15,5 mil que em 2009, o que corresponde a uma redução de 5%. Em contrapartida, a SAU aumentou 7% face a 2009, passando a ocupar 3,9 milhões de hectares (43% da superfície territorial). A dimensão média das explorações aumentou 13%, de 12,0 hectares em 2009 para 13,6 hectares de SAU por exploração, o que reflete, contudo, um aumento de dimensão inferior ao verificado nas décadas anteriores.

Figura 1. Número de explorações e SAU (1989-2019)



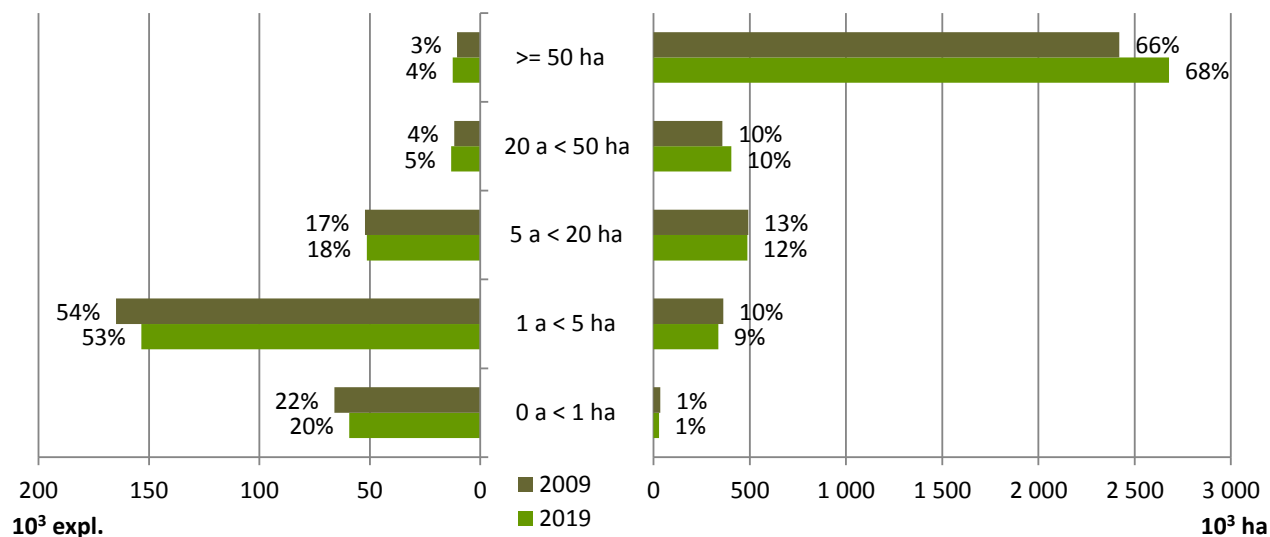
Fonte: Recenseamentos agrícolas (INE, IP)

O aumento da dimensão média dos blocos de SAU foi inferior ao crescimento registado entre 1989 e 2009.

O abandono da atividade agrícola por um número significativo de agricultores, verificado entre 1989 e 2009, registou um acentuado abrandamento no último decénio, tendendo mesmo para alguma estabilização, comprovada pelo reduzido decréscimo do número de explorações agrícolas mas, principalmente, pelo inédito aumento da SAU.



Figura 2. Número de explorações e SAU por classes de SAU (2009-2019)



Fonte: Recenseamentos agrícolas (INE, IP)

O abandono da atividade agrícola verificado desde 2009 ocorreu sobretudo entre os pequenos produtores, tendo inclusivamente o número de explorações com mais de 20 hectares aumentado (+15%). O aumento da dimensão média das explorações não resultou numa concentração fundiária em grandes unidades produtivas, que não registaram alterações significativas quer em número quer na respetiva SAU, ficando principalmente a dever-se ao efetivo redimensionamento das explorações de média dimensão.

Figura 3. Distribuição da SAU e Nº de Explorações por percentis (2009-2019)

Percentis	2009			2019			SAU Var. 2019/2009 (%)
	SAU/Expl.	SAU (acumulada)	Explorações	SAU/Expl.	SAU (acumulada)	Explorações	
	(ha/Expl.)	(10 ³ ha)	(10 ³ n.º)	(ha/Expl.)	(10 ³ ha)	(10 ³ n.º)	
p10	0,52	84	305	0,50	64	290	-3,8
p20	0,92	303	611	0,97	274	579	5,4
P30	1,17	623	916	1,20	583	869	2,6
P40	1,50	1.028	1.221	1,54	977	1.159	2,7
P50	1,97	1.550	1.526	2,04	1.499	1.449	3,6
P60	2,66	2.243	1.832	2,90	2.202	1.738	9,0
P70	3,86	3.218	2.137	4,20	3.209	2.028	8,8
P80	6,26	4.710	2.442	7,10	4.795	2.318	13,4
P90	13,94	7.517	2.747	17,00	7.930	2.608	22,0

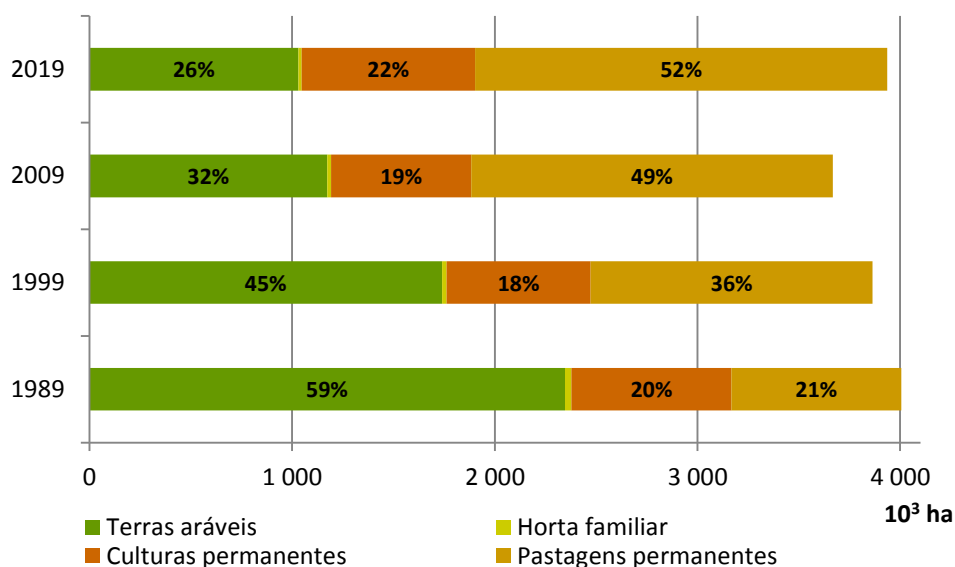
Fonte: Recenseamentos agrícolas (INE, IP)

No entanto, as cerca 1,1 mil explorações com mais de 500 hectares continuam a gerir mais de ¼ da SAU, incluindo-se nestas explorações alguns baldios ou terras comunitárias, na sua maior parte pastagens, geridas por compartes ou por comissões que têm direito ao seu uso.



UTILIZAÇÃO DAS TERRAS AGRÍCOLAS: ALTEROU-SE SIGNIFICATIVAMENTE DESDE 2009, VERIFICANDO-SE UM DECRÉSCIMO DE 12% NAS TERRAS ARÁVEIS, MAIS QUE COMPENSADO PELOS EXPRESSIVOS AUMENTOS DAS ÁREAS DAS CULTURAS PERMANENTES (+24%) E DAS PASTAGENS PERMANENTES EM TERRA LIMPA E SOB COBERTO DE MONTADO (+14%)

Figura 4. Utilização das terras agrícolas (1989-2019)



Fonte: Recenseamentos agrícolas (INE, IP)

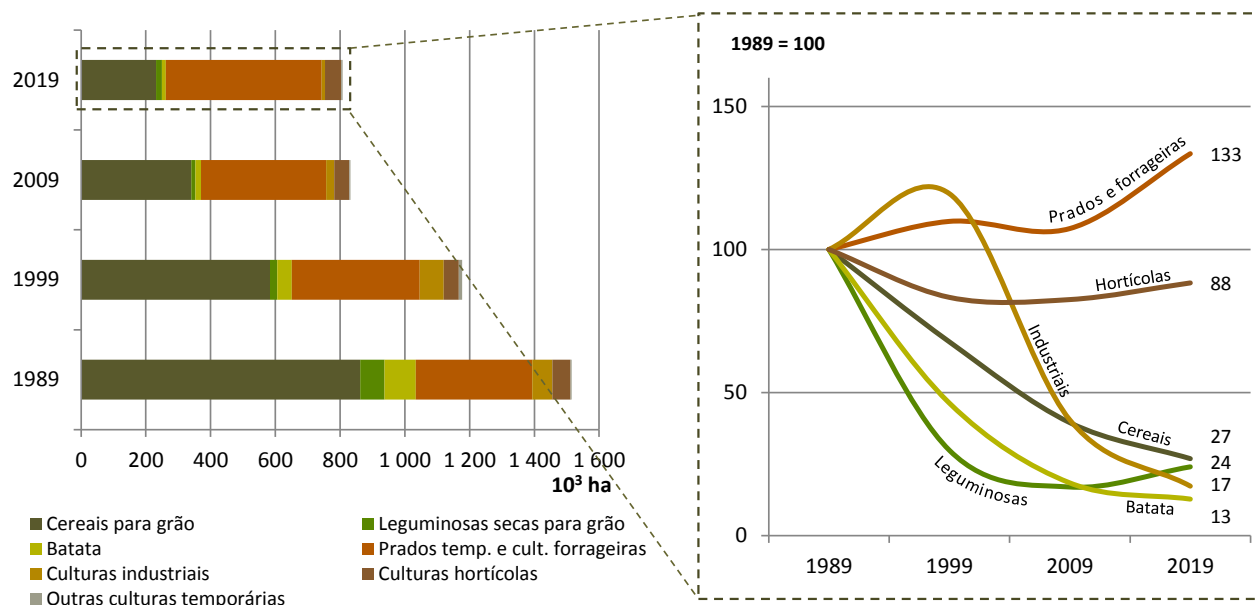
TERRAS ARÁVEIS: DECRESCERAM DEVIDO À REDUÇÃO DAS ÁREAS DE CEREAIS PARA GRÃO E DE BATATA

O esperado decréscimo das terras aráveis, que ocorre desde 1989, deveu-se essencialmente à redução das áreas de cereais para grão (-32% que em 2009) e de batata (-31% que em 2009), culturas pouco competitivas na maioria das condições edafoclimáticas onde eram produzidas. Em contrapartida, verificou-se um aumento significativo da superfície de leguminosas para grão (+42%), em parte devido à diversificação das culturas, prática cultural elegível no âmbito da componente *greening*. O aumento da superfície de hortícolas em 7% traduz a dinâmica do setor nesta década, com o crescimento da área de estufas (+11%) a refletir precisamente esse esforço de investimento na produção hortícola. Também o setor das flores e plantas ornamentais registou uma expansão de 13% das áreas instaladas.

As superfícies de prados temporários e culturas forrageiras cresceram 24%, passando a ocupar a maioria das terras aráveis (59%).



Figura 5. Culturas temporárias (1989-2019)



Fonte: Recenseamentos agrícolas (INE, IP)

CULTURAS PERMANENTES: FORTE APOSTA NA INSTALAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DOS OLIVAIS E POMARES, EM PARTICULAR DE FRUTOS PEQUENOS DE BAGA, SUBTROPICAIS E AMENDOAIS

Nas fruteiras assistiu-se a um aumento generalizado das superfícies, com especial destaque para o notável crescimento da produção de frutos pequenos de baga, cuja área ultrapassou os 6,1 mil hectares (+2 792%, face a 2009). A instalação de pomares de frutos subtropicais também foi muito significativa, mais que duplicando as áreas (+149%), em particular nos pomares de kiwi (+126%) e de abacateiros (que já ocupam uma área superior a 2,1 mil hectares, maioritariamente no Algarve).

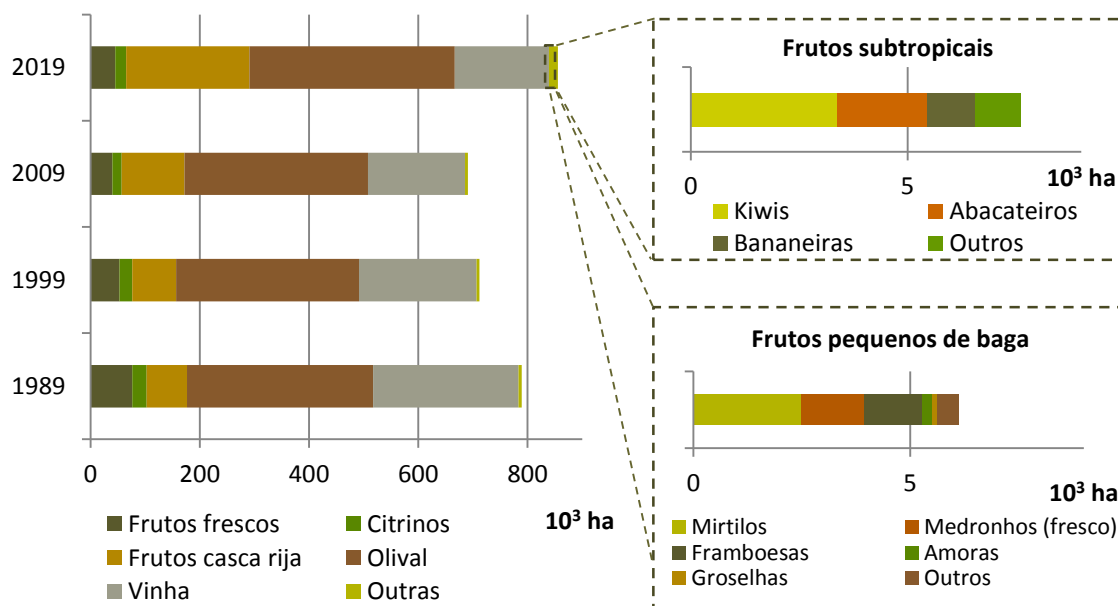
O investimento na fruticultura não ficou circunscrito a estas culturas emergentes, tendo-se estendido aos citrinos (+16%) e aos frutos frescos de climas temperados, cujas áreas aumentaram (+14%), destacando-se os pomares de macieiras (+15%), pereiras (+5%) e cerejeiras (+20%).

A produção de frutos de casca rija foi outra forte aposta na última década, que levou à quase duplicação das áreas (+96%). Para além da instalação de modernos e intensivos amendoais no Alentejo e Beira Interior, que muito contribuíram para o desenvolvimento da cultura (+97%), verificaram-se também aumentos das superfícies de castanheiros (+52%) e de noqueiras (+127%).

Para esta evolução terá contribuído o incentivo dado pelo PDR 2020 à fruticultura, sendo um dos setores com maior relevância nas medidas de apoio ao investimento.



Figura 6. Culturas permanentes (1989-2019)



Fonte: Recenseamentos agrícolas (INE, IP)

O setor da olivicultura deu continuidade à expansão e modernização da cultura, registando-se um aumento de 12% da superfície de olival, devido exclusivamente à instalação de olivais intensivos de elevada densidade (mais de 300 oliveiras/hectare), que representam praticamente ¼ da superfície e são maioritariamente regados (84%). Enquanto os olivais intensivos plantados com 301 a 1500 oliveiras/hectare aumentaram 85% e os com mais de 1 500 oliveiras/hectare aumentaram 350%, os olivais tradicionais de baixa densidade, com menos de 101 oliveiras/hectare, decresceram 11%.

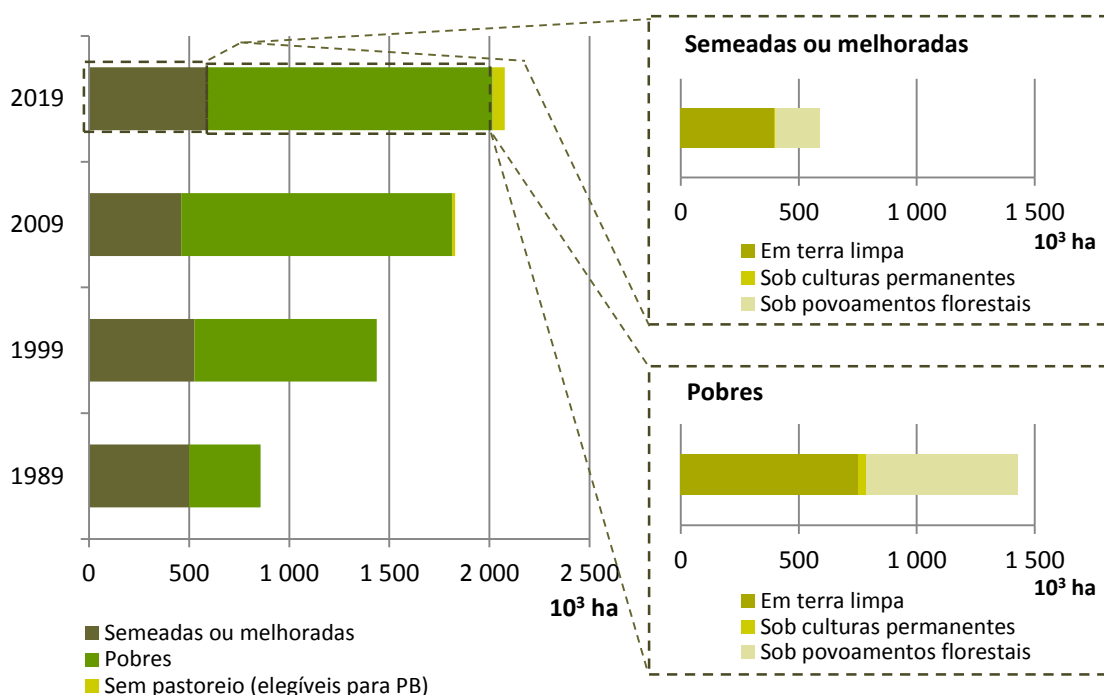
Na vinha não se registaram alterações significativas na superfície (-3%), embora tenha aumentado o potencial produtivo devido ao crescimento da área regada. Observou-se ainda um ligeiro incremento das superfícies certificadas para a produção de vinhos DOP (+4%).



PRADOS E PASTAGENS PERMANENTES: OCUPAM CERCA DE 2 MILHÕES DE HECTARES

Em 2019, 52% das terras agrícolas correspondiam a pastagens permanentes. No total, os prados e pastagens permanentes ocupavam cerca de 2 milhões de hectares, 68% dos quais sem quaisquer melhoramentos, designadamente sementeiras, adubações, regas e drenagens.

Figura 7. Pastagens permanentes por tipo e forma de instalação (1989-2019)



Fonte: Recenseamentos agrícolas (INE, IP)

REGADIO: AUMENTOU NOS POMARES, VINHAS E OLIVAIS

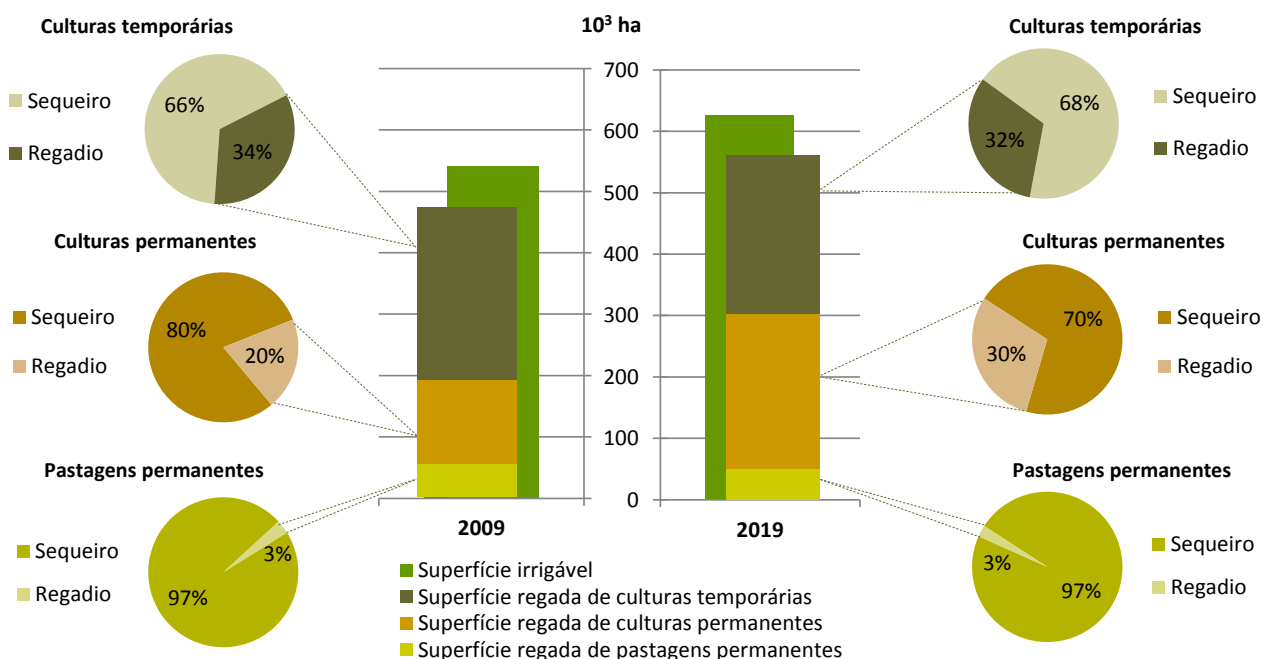
Em 2019 foram recenseadas 134 mil explorações com sistema de rega (46% do total), com capacidade para regar 626 mil hectares (16% da SAU), sendo que 47% da superfície irrigável são terras aráveis, 43% culturas permanentes e 10% pastagens permanentes. A superfície regada foi de 561 mil hectares, cerca de 90% da superfície irrigável, beneficiando 32% das culturas temporárias, 30% das culturas permanentes e apenas 3% das pastagens permanentes.

Nos últimos dez anos assistiu-se ao alargamento da superfície potencialmente irrigável (+16%), devido ao extraordinário aumento verificado nas culturas permanentes (+72%). O investimento na modernização de pomares, vinhas e olivais refletiu-se no aumento do regadio, passando a beneficiar 70% dos pomares de frutos



frescos (+10 p.p. que em 2009), 11% dos pomares de frutos de casca rija (+9 p.p. que em 2009), 31% dos olivais (+12 p.p. que em 2009) e 28% das vinhas (+13 p.p. que em 2009).

Figura 8. Regadio por ocupação cultural (2009-2019)



Fonte: Recenseamentos agrícolas (INE, IP)

O Alentejo é a região com mais área de regadio (38% do total) e, devido ao Alqueva, a que registou o maior crescimento (+54% do que a área regada em 2009).

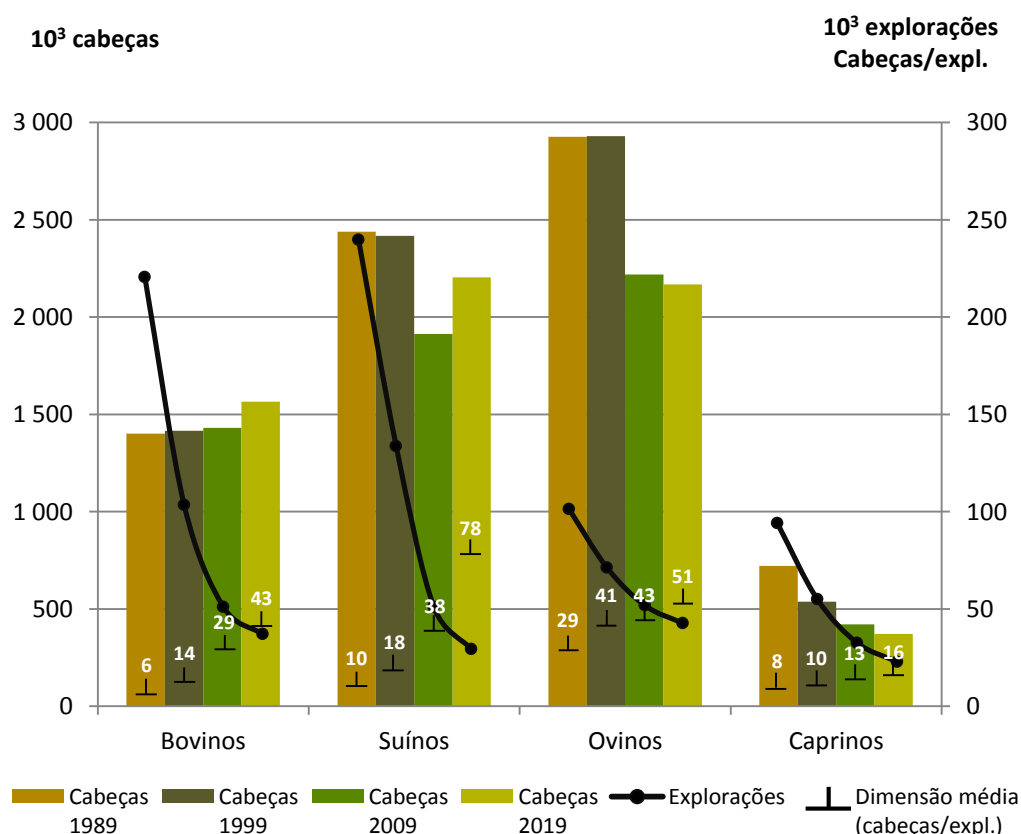
EFETIVOS ANIMAIS: REDUÇÃO DO NÚMERO DE EXPLORAÇÕES PECUÁRIAS E AUMENTO GENERALIZADO DA DIMENSÃO MÉDIA DO EFETIVO POR EXPLORAÇÃO

Em 2019, foram recenseadas 36 mil explorações com bovinos, que totalizaram um efetivo de 1,6 milhões de cabeças (o maior das últimas 3 décadas), o que corresponde a um decréscimo de 28% das unidades produtivas mas a um aumento de 9% da produção, face a 2009. A dimensão média do efetivo bovino aumentou 52%, passando de 29 para 43 cabeças por exploração em 2019. As grandes explorações com mais de 300 bovinos, embora representem 2% das unidades produtivas, concentram praticamente 1/3 do efetivo. No entanto, 25% das explorações ainda têm menos de 3 bovinos. A produção de bovinos de carne está muito concentrada no Alentejo, onde são criadas praticamente 2/3 das vacas aleitantes, maioritariamente em regime extensivo. A produção leiteira destaca-se nas regiões do Entre Douro e Minho e Açores, onde se concentram



respetivamente 34% e 39% das vacas leiteiras. De referir que o efetivo bovino leiteiro registou um decréscimo de 12%, comparativamente a 2009.

Figura 9. Efetivos animais (1989-2019)



Fonte: Recenseamentos agrícolas (INE, IP)

A produção de suínos aumentou 15% em dez anos, estando muito concentrada em cerca de 300 suiniculturas industriais que produzem 88% do efetivo, localizadas maioritariamente no Ribatejo e Oeste. No entanto, a pequena criação e engorda ainda é uma realidade com expressão, sendo que 85% das explorações têm menos de 5 cabeças e apenas criam e engordam 2% do efetivo.

O efetivo ovino não registou grandes alterações desde 2009 (-2%), mas a dimensão média dos rebanhos aumentou de 43 para 51 cabeças por exploração em 2019, em virtude do aumento do efetivo nas explorações de grande dimensão com mais de 500 cabeças (+12%) e do abandono dos pequenos produtores, com rebanhos inferiores a 10 ovinos, cujo efetivo decresceu 19%.

O decréscimo do efetivo caprino foi mais evidente que o do ovino, registando uma diminuição de 12%. Assistiu-se também a um maior abandono da atividade, pois desapareceram 30% das explorações que criavam caprinos em 2009. No entanto, este abandono ocorreu exclusivamente nos pequenos produtores, uma vez

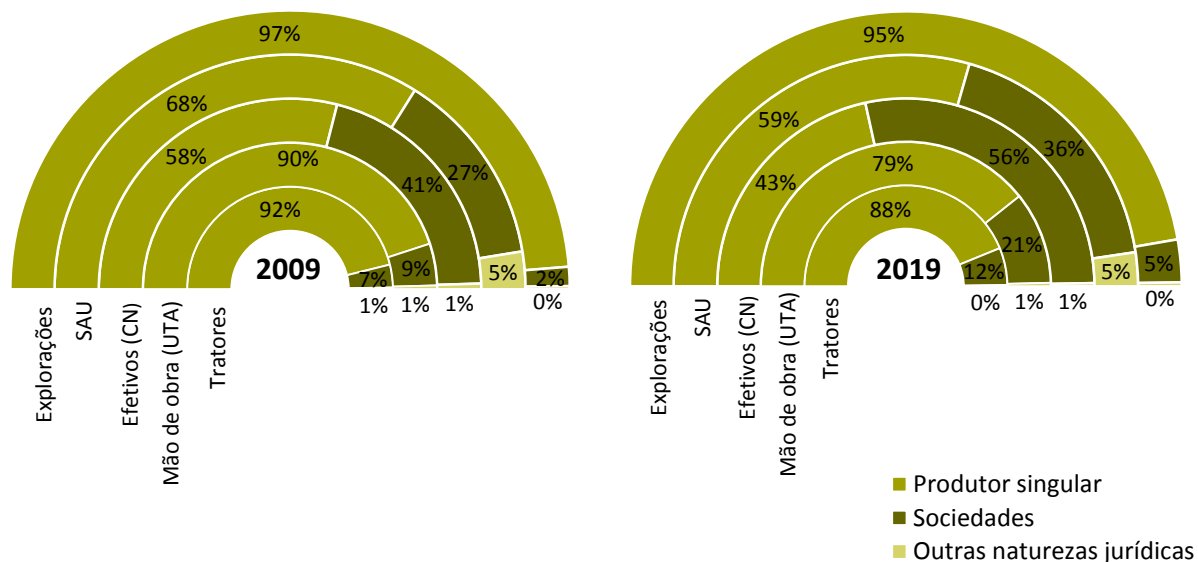


que os grandes rebanhos, com mais de 500 caprinos, aumentaram quer em número (+28%) quer em efetivo (+34%), contribuindo assim para o crescimento da dimensão média de 13 para 16 cabeças por exploração em 2019. Ao contrário da produção de ovinos, muito concentrada no Alentejo (53%), a produção de caprinos apresenta uma maior dispersão territorial.

NATUREZA JURÍDICA: A EMPRESARIALIZAÇÃO DA AGRICULTURA INTENSIFICOU-SE. AS SOCIEDADES AGRÍCOLAS MAIS QUE DUPLICARAM, PASSANDO A EXPLORAR 1/3 DA SAU E A PRODUZIR 56% DOS EFETIVOS PECUÁRIOS COM RECURSO A 21% DA MÃO DE OBRA AGRÍCOLA

A grande maioria das explorações agrícolas é gerida por produtores singulares (95%), mas o número de sociedades agrícolas em atividade mais que duplicou nos últimos dez anos (+114%), passando de 6,7 mil em 2009 para 14,5 mil. As empresas agrícolas, embora representem 5% das explorações, têm uma importância crescente na estrutura produtiva, explorando 36% da SAU (+9 p.p. que em 2009), produzindo 56% dos efetivos pecuários, medidos em CN¹ (+15 p.p. que em 2009) e utilizando 21% da mão de obra total agrícola, medida em UTA² (+11 p.p. que em 2009). Empregam cerca de 56 mil trabalhadores, o que corresponde a 77% da mão de obra agrícola assalariada com ocupação regular.

Figura 10. Natureza jurídica (2009-2019)



Fonte: Recenseamentos agrícolas (INE, IP)

¹ Cabeças Normais (CN): medida pecuária que converte, de acordo com uma tabela, os efetivos de todas as espécies e idades em cabeças normais, fazendo-os equivaler a um animal adulto da espécie bovina que corresponde a 1 CN.

² Unidade de Trabalho Ano (UTA): o equivalente ao trabalho de uma pessoa a tempo completo realizado num ano (1 UTA = 225 dias de trabalho a 8 horas por dia).



A dimensão média das sociedades agrícolas é de 99 hectares de SAU e 96 CN por exploração, consideravelmente superior à das explorações geridas pelos produtores singulares (8 hectares de SAU e 4 CN por exploração). Esta diferença de escala reflete-se, obviamente, numa otimização dos recursos, apresentando as sociedades melhor desempenho nos indicadores relacionados com a eficiência da mão de obra e utilização de máquinas agrícolas.

Figura 11. Indicadores de eficiência por natureza jurídica (2019)

Unidades: n.º

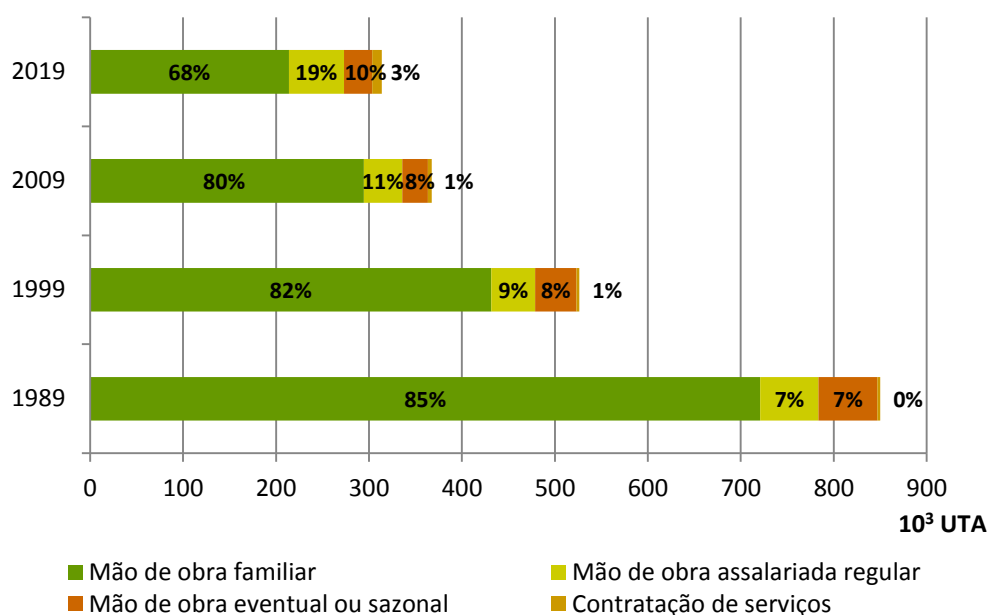
Indicador	Natureza jurídica	
	Sociedades agrícolas	Produtores singulares
UTA/ 100 hectares de SAU	5	11
UTA/ 100 CN	5	23
Tratores/ 100 hectares de SAU	2	7

Fonte: Recenseamento agrícola 2019 (INE, IP)

MÃO-DE-OBRA AGRÍCOLA: DECRESCEU GLOBALMENTE 15%, REFLETINDO A REDUÇÃO DO TRABALHO FAMILIAR. EM CONTRAPARTIDA, AUMENTOU A CONTRATAÇÃO DE TRABALHADORES ASSALARIADOS

A mão de obra agrícola familiar, constituída pelo produtor e o seu agregado doméstico, contribui com mais de 2/3 do trabalho agrícola. No entanto, a mão de obra agrícola assalariada, com carácter regular e sazonal, aumentou 30% nos últimos 10 anos, passando a representar 29% do total, enquanto a contratação de serviços agrícolas, embora representando 3%, aumentou 159%, face a 2009.

Figura 12. Composição da mão de obra medida em UTA (1989-2019)



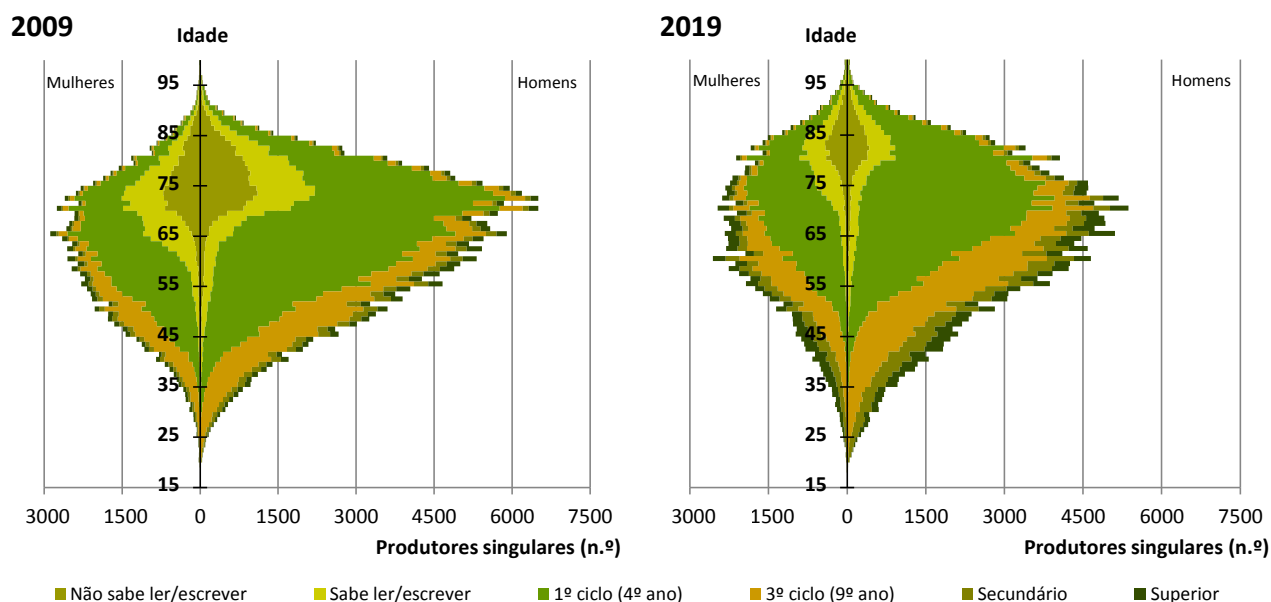
Fonte: Recenseamentos agrícolas (INE, IP)



Globalmente a mão de obra agrícola diminuiu 15%, resultado de vários fatores que promoveram a melhoria da eficiência do trabalho, designadamente o redimensionamento e a empresarialização das explorações.

PRODUTORES SINGULARES: SÃO MAIORITARIAMENTE HOMENS (67%), TÊM EM MÉDIA 62 ANOS, 46% SÓ CONCLUÍRAM O PRIMEIRO NÍVEL DO ENSINO BÁSICO E 53% TÊM FORMAÇÃO AGRÍCOLA EXCLUSIVAMENTE PRÁTICA. O AGREGADO FAMILIAR DO PRODUTOR É CONSTITUÍDO EM MÉDIA POR 2 PESSOAS, SENDO QUE EM 59% DESTES AGREGADOS EXISTEM BENEFICIÁRIOS DE PENSÕES E REFORMAS

Figura 13. Nível de escolaridade dos produtores singulares por idade e género (2009-2019)



Fonte: Recenseamentos agrícolas (INE, IP)

Desde 2009 o perfil do produtor agrícola registou:

- A **manutenção da representatividade de género**, observando-se em todo o caso um ligeiro aumento da importância relativa das mulheres produtoras agrícolas (+2 p.p. que em 2009);
- O **agravamento do envelhecimento**, verificando-se um aumento de 2 anos na idade média dos produtores face a 2009, sendo que mais de metade (53%) tem idade superior a 64 anos;
- A **melhoria do nível de instrução**, confirmando-se o crescimento do número de produtores com níveis de ensino superiores ao 1º ciclo, cuja representatividade passou de 26% em 2009 para 43%. O número de produtores com formação superior nos domínios da agricultura e floresta, embora tenha aumentado 66%, é ainda pouco representativo (2%);
- O **aumento da formação profissional agrícola**, em parte devido à obrigatoriedade da frequência de cursos de formação de aplicação de produtos fitofarmacêuticos, que levou ao extraordinário aumento

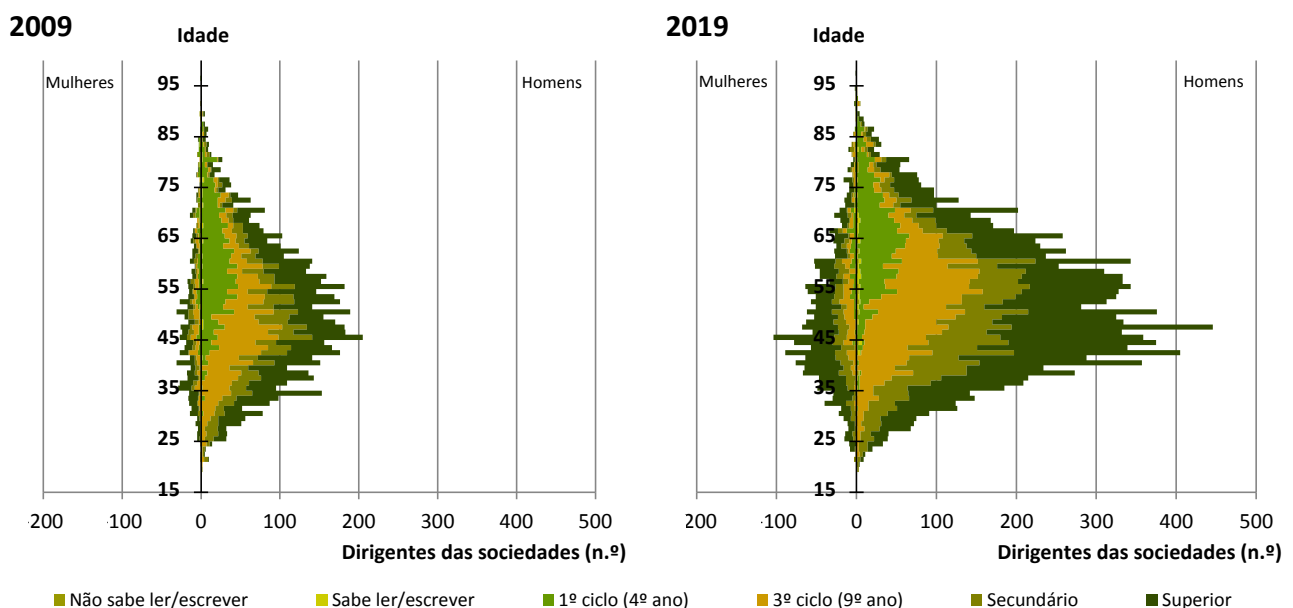


da proporção de produtores que frequentaram cursos de formação profissional agrícola (+35 p.p. que em 2009). Contudo, a maioria dos produtores ainda possui formação agrícola exclusivamente prática (53%);

- A **diminuição do tempo de trabalho nas atividades agrícolas da exploração**, verificando-se que apenas 13% dos produtores trabalham a tempo completo na sua exploração (-8 p.p. que em 2009);
- O **decréscimo da população agrícola familiar**, constituída pelo produtor e pelos membros do seu agregado doméstico, que passou de 793 mil pessoas em 2009 para 665 mil (-16%), correspondendo a 6% da população residente em Portugal. De referir que em 1989 a população agrícola familiar totalizava praticamente 2 milhões de pessoas, cerca de 1/5 da população residente;
- A **manutenção da pluriatividade e diversidade das fontes de rendimento**, comprovada pelo facto de 43% dos agregados domésticos declararem rendimentos provenientes de salários e 8% referirem que desenvolvem outras atividades empresariais não relacionadas com a exploração agrícola. Por outro lado, somente 5% dos produtores vivem exclusivamente dos rendimentos da sua atividade na exploração agrícola (-1 p.p. que em 2009).

DIRIGENTES DAS SOCIEDADES: SÃO MAIORITARIAMENTE HOMENS (85%), TÊM EM MÉDIA 51 ANOS (11 ANOS MAIS NOVOS QUE OS PRODUTORES SINGULARES). POSSUEM ELEVADAS QUALIFICAÇÕES ACADÉMICAS E PROFISSIONAIS, SENDO QUE 48% TÊM FORMAÇÃO SUPERIOR E 19% POSSUEM HABILITAÇÕES ESPECÍFICAS NAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Figura 14. Nível de escolaridade dos dirigentes das sociedades por idade e género (2009-2019)



Fonte: Recenseamentos agrícolas (INE, IP)

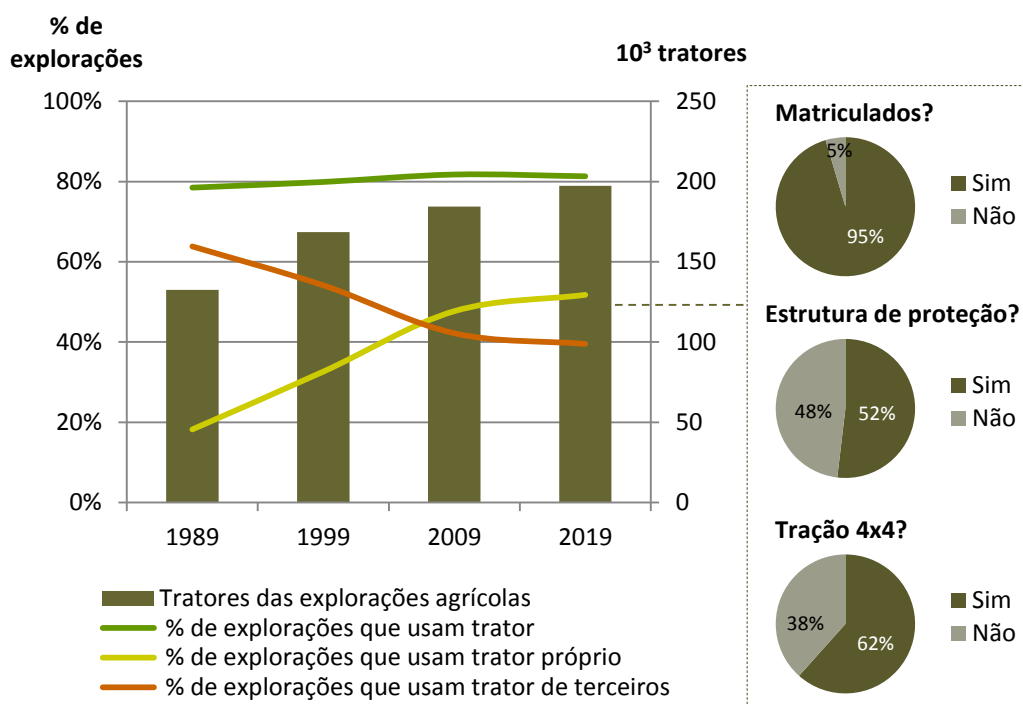


MECANIZAÇÃO: A UTILIZAÇÃO DE TRATORES NÃO REGISTOU ALTERAÇÕES SIGNIFICATIVAS, EMBORA TENHA AUMENTADO O RECURSO AO TRATOR PRÓPRIO

A representatividade das explorações que utilizam trator (próprio ou de terceiros) é de 81%, não apresentando alterações significativas desde 1989.

A maioria das explorações agrícolas possui trator próprio (52%) e 40% recorrem à contratação de serviços, aluguer ou empréstimo de trator. Em 10 anos, o número de tratores aumentou 7% e o de explorações com trator 3%, ampliando a representatividade em 4 p.p. Em contrapartida, o recurso a tratores de terceiros diminuiu 11%. A utilização de trator não registou assim alterações assinaláveis, mantendo-se nos 5 tratores por 100 hectares de SAU desde 2009.

Figura 15. Utilização de tratores (1989-2019)



Fonte: Recenseamentos agrícolas (INE, IP)

A utilização de máquinas automotrizes de colheita da azeitona, uva e amêndoa mais que quadruplicou nos últimos 10 anos, ao contrário da utilização de ceifeiras debulhadoras que, em virtude do declínio dos cereais para grão, diminuiu 44%.



AGRICULTURA BIOLÓGICA: EXPLORAÇÕES CERTIFICADAS PARA A PRODUÇÃO EM MODO BIOLÓGICO TRIPLICAM EM 10 ANOS

Foram recenseadas cerca de 3,9 mil explorações certificadas para a produção em modo biológico (+210% que em 2009), 1/3 das quais em Trás-os-Montes. A área em produção biológica é de 211 mil hectares, sendo que 69% são pastagens permanentes e 9% são prados temporários e culturas forrageiras destinadas à produção pecuária biológica. Nas culturas em modo de produção biológico destacam-se os olivais com 20,8 mil hectares, os amendoais com 5 mil hectares, as vinhas com 3,8 mil hectares e as hortícolas com 1,7 mil hectares.

Com a divulgação dos resultados definitivos em 2021, serão ainda disponibilizados indicadores sobre:

- As ajudas e subsídios;
- O regadio, origem da água de rega, infraestrutura de rega, método de rega, etc;
- A mobilização do solo;
- As instalações pecuárias e efetivos em regime extensivo;
- A gestão dos efluentes pecuários;
- A agricultura de precisão;
- A aplicação de fertilizantes;
- As atividades não agrícolas desenvolvidas na exploração;
- O destino da produção agrícola.



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

informação à comunicação social



DIÍSTAQUE

NOTAS FINAIS

No exercício da sua atividade, o INE tem realizado, desde os anos 50 do século passado, de forma ininterrupta para o Continente com periodicidade decenal, Recenseamentos da Agricultura (para as Regiões Autónomas desde 1989).

Os Recenseamentos da Agricultura constituem uma fonte exaustiva de informação, que reúne dados sobre todas as explorações agrícolas nacionais gerando resultados a níveis geográficos muito detalhados. O quadro de informação resultante é indispensável à tomada de decisões nas políticas agrícolas, de desenvolvimento rural, regional e territorial. Devido ao seu carácter exaustivo, os Recenseamentos Agrícolas permitem também criar as Bases de Amostragem que suportam a realização dos inquéritos agrícolas intercensitários.

Para o RA 2019, o INE foi apoiado por uma Comissão de Acompanhamento, cuja coordenação foi assegurada em articulação com o Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral do Ministério da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural. O Serviço Regional de Estatística dos Açores e a Direção Regional de Estatística da Madeira participaram na realização do RA 2019, nas Regiões Autónomas.

Os atos legislativos europeus que regulam o RA 2019, são:

Regulamento base - [REGULAMENTO \(UE\) 2018/1091 DO PARLAMENTO EUROPEU E DO CONSELHO](#)

Regulamento de execução - [REGULAMENTO DE EXECUÇÃO \(UE\) 2018/1874 DA COMISSÃO](#)

O surgimento da pandemia COVID-19 obrigou, para o estrito cumprimento das regras e normas de segurança da saúde pública, ao prolongamento do trabalho de recolha de dados, inicialmente previsto para decorrer entre outubro de 2019 e abril de 2020, mas que acabou por estender-se até novembro de 2020.

O INE agradece o empenho de todos os colaboradores nesta operação e apresenta uma saudação muito especial aos agricultores que apesar de todas as vicissitudes, nunca deixaram de colaborar.

Disponibilização dos resultados finais, até final de março do próximo ano!

Para mais informações: Consulte o Site: <https://ra2019.ine.pt/>